

Petrópolis ainda espera por seu Príncipe: Um Tributo ao Príncipe-Cidadão.¹

Por Victor Villon

Exatamente há um mês, na madrugada do dia 27 de dezembro de 2007, nas distantes terras da Andaluzia, no Reino de Espanha, mais precisamente no povoado de Villamanrique de la Condesa, a invencível cortina do tempo, mais uma vez, descia sobre o palco da vida. Este triste, porém digno e plácido, fechamento indicava que uma época da história de Petrópolis findava. Mas, igualmente, da história da Família Imperial Brasileira e, até mesmo, de alguma forma, do próprio Brasil como um todo. Morria Dom Pedro Gastão de Orleans e Bragança, Chefe da Casa Imperial do Brasil.

O grande sociólogo e pensador Gilberto Freyre, em conferência, proferida no ano de 1925, em homenagem a D. Pedro II, sabiamente, escreveu: “[...] *reunamo-nos em volta de seu nome, não em hirto esforço necrófilo, nem com o senso, todo social e moral, que manda ir de preto e solenemente às missas de defunto – mas animados da alegria intelectual de procurar compreender uma grande vida[...]*. Façamos nossas, agora, as belas palavras do sempre Mestre Freyre, mas aplicando-as ao bisneto e herdeiro do Imperador D. Pedro II. Depois de um mês não havemos de levantar um infecundo lamento funéreo, pois D. Pedro Gastão já se uniu ao panteão da memória dos nossos imperadores. Se Petrópolis é, por excelência, o baluarte dos tempos imperiais do Brasil, D. Pedro Gastão é figura inquestionável no desenvolvimento desta memória e, mais do que isto desse imaginário.

Lembro-me que, há muitos anos atrás, todos os visitantes do Museu Imperial eram convidados a assistir um pequeno, mas interessantíssimo, filme sobre D. Pedro II. Em certo momento, poderíamos ver uma cena, na qual D. Pedro Gastão andava a cavalo pelas ruas da Cidade Imperial. Asseguro que, quem quer que o assistisse, sairia da sala de exibição com uma sensação, que o Império do Brasil não morrera. Sentíamos que seus tempos pretéritos faziam-se mais do que presentes, que o Museu Imperial era um Museu especial, assim como Petrópolis, pois ali no meio de tudo, residia um príncipe, tanto de linhagem, como de alma. Vibrante sucessor de D. Pedro I e de D. Pedro II. Príncipe que, com a mais natural das elegâncias, dava continuidade àquele mundo e àquela história, síntese perfeita entre passado e modernidade. O próprio D. Pedro Gastão, em entrevista, à revista “Realidade”, em 1969, fez transparecer o seu desvelo e emoção por tudo aquilo que ele representava, a história do próprio Império do Brasil: “*O que me comove na vida que levo nesta casa é pensar que o terreno onde vivemos foi comprado por Dom Pedro I e o prédio foi edificado por Dom Pedro II. Minha avó, a Princesa Isabel, muito se ocupou da casa. Meu pai faleceu aqui. Aqui minha mulher e eu criamos os nossos filhos. São seis gerações na mesma casa.*”

¹ Artigo publicado no Jornal Tribuna de Petrópolis, domingo, 27 de Janeiro de 2008.

E, se alguém nos dissesse, que D. Pedro Gastão era “D. Pedro IV, Imperador do Brasil”, poder-se-ia perfeitamente acreditar. Quiseram as vicissitudes da história que D. Pedro Gastão não fosse oficialmente “D. Pedro IV”. No entanto, para muitos que o conheceram, seja pessoalmente ou não, ele sempre o será, de fato, nosso “Imperador D. Pedro IV”. Vale a pena mencionar que não somente entre, nós, brasileiros, esse elã era perceptível. Recentemente, a revista francesa “*Point de Vue*” publicou uma matéria, sobre a morte de D. Pedro Gastão, intitulada “*O Imperador Morreu*”.

Diz um provérbio francês que, fazendo uso da conjunção “Se”, seríamos capazes de colocar, até mesmo, a cidade de Paris dentro de uma garrafa. O ditado chama-nos atenção para o cuidado que devemos ter com as nossas mais desvairadas e imaginativas hipóteses. À história cabe menos ainda tal espécie de especulação. Entretanto, e felizmente, a imaginação é inerente à condição humana, ou seja, não devemos e tampouco podemos nos privar integralmente dessas engenhosas artes do nosso pensamento.

Nesse momento, ousaria supor: e se Dom Pedro Gastão houvesse sido Imperador do Brasil? E se naquela manhã de 15 de novembro de 1889 nada de diferente houvesse acontecido? Ou, ainda, se o plebiscito de 1993 tivesse dado vitória à monarquia parlamentar? As suposições são infinitas. Como seria se, em algum momento dos últimos 118 anos, o horizonte da história tivesse possibilitado a manutenção ou a restauração da monarquia? Acredito, firmemente, que Dom Pedro Gastão teria sido um “Dom Pedro II do século XX”: defensor das liberdades individuais e de imprensa, incentivador das artes, das letras e das ciências.

Conta-se que o então presidente da Venezuela, Rojas Paul, ao receber a notícia da proclamação da república no Brasil, teria dito: “*Acabou-se a única República que existia na América: o Império do Brasil*”. O império de D. Pedro II era conhecido por seu “republicanismo”, enfim, pela estabilidade de suas instituições. Não havemos de esquecer que o Imperador era abolicionista e o fim da escravidão ocorreu em seu governo. Ao responder a intimação do General Deodoro da Fonseca, destituindo-o do comando do império, o velho imperador dos trópicos escrevera, sem demonstrar nenhum tipo de rancor: “*Ausentando-me, pois, eu com todas as pessoas da minha família, conservarei do Brasil a mais saudosa lembrança, fazendo ardentes votos por sua grandeza e prosperidade*” e assina, como um cidadão destituído de suas funções públicas: “*D. Pedro de Alcântara*”, ao invés de “*D. Pedro 2º*”, como era usual. Prova incontestável de um Imperador-cidadão, que, ainda que derrubado, preocupa-se com o futuro da nação, desejando “*ardentes votos por sua grandeza*”. Essa digressão histórica é justificável, pois a atitude, que sempre teve D. Pedro Gastão, é extremamente parecida. Mesmo sendo herdeiro do Império e monarquista, nunca deixou de se orgulhar de ter apertado a mão da maior parte dos presidentes da República Brasileira, inclusive sendo amigo de Washington Luis. D. Pedro Gastão foi quase “imperador” na república, como seu bisavô, D. Pedro II fora quase o imperador de uma “república”. Para os dois D. Pedro, acima de regimes de governo, estava o amor pelo Brasil e a preocupação com seus destinos.

Ao ler antiga entrevista, concedida por Dom Pedro Gastão ao jornalista Michel Koellreutter, outra semelhança de espírito político é perceptível, dessa vez, com seu

sobrinho, D. Juan Carlos Rei de Espanha: *“Um Rei não pode estar em nenhum dos partidos. Ele está acima dos partidos. Na Espanha, o meu sobrinho Juan Carlos, é rei de todos os espanhóis: dos comunistas, dos democratas, dos anarquistas. Na Inglaterra idem. Um rei não pode se filiar a um partido, ele tem de ser imparcial, independente.”* D. Juan Carlos entrará para a história como um dos responsáveis pelo nascimento da Espanha atual, democrática, estável, pujante economicamente e guardião dos direitos dos seus mais diversos filhos. Acredito que D. Pedro Gastão seria um monarca, verdadeiramente, próximo dos ideais de seu sobrinho rei.

Além disso, nos orgulharíamos de ver nas cerimônias, mundo afora, o tão simpático casal imperial, D. Pedro Gastão e Da. Esperanza, a representar e divulgar o Brasil.

Talvez, nada disso tenha sido necessário, pois, mesmo não sendo imperador, não deixou de reinar. Chefe da Casa Imperial do Brasil, Príncipe-cidadão, Príncipe de Petrópolis, Príncipe democrático elo vivo de ligação entre o Brasil Imperial e o Brasil Republicano, elegante e simples, moderno e tradicional: esse foi D. Pedro Gastão. Uma época acabou, mas não os seus ideais !

Mas não posso me esquecer de uma entrevista, que realizei com o próprio D. Pedro Gastão, no já distante, ano de 1997. Sobretudo de uma informação sobre a qual fez referência. Dissera que ali, na Catedral de Petrópolis, repousavam seus bisavós, seus avós e seus pais e que, um dia – ainda afirmou, com humor, que não sabia daqui a quanto tempo-ele mesmo, D. Pedro Gastão, ali repousaria. Na época parecia algo muito longínquo, pois apesar dos oitenta e quatro anos, D. Pedro Gastão tinha a disposição e jovialidade invejáveis. Enfim, quis o destino que fossem dez anos.

Petrópolis amanheceu, no último dia 27 de Dezembro, despojada de um de seus símbolos. Mas tenho escutado várias pessoas, sejam residentes em Petrópolis ou seus admiradores fervorosos, perguntando: “E quando D. Pedro Gastão irá repousar na Catedral?”. Esperamos todos nós que em breve, pois Petrópolis, só assim, estará completo. Diante do Mausoléu Imperial todos os visitantes poderão fazer suas, novamente, as palavras de Gilberto Freyre, referentes a D. Pedro II: *“Ora, Dom Pedro II chega até nós. Uma grande saudade o faz viver. Nunca em torno de um nome de rei foram mais fortes os gritos de ‘O rei morreu; viva o rei !’. Gritos de saudade. Saudade não de um rei, mas, para muitos, do rei”* Mas, agora, em um sentido largo, poderemos dizer-las, na Cidade dos quatro Pedros, dedicadas a D. Pedro I, a D. Pedro II, a D. Pedro D’Alcântara e a D. Pedro Gastão. O primeiro nas margens do Ipiranga e os três últimos em Petrópolis, todos reunidos nas terras brasileiras. Só assim Petrópolis não mais esperará por seu querido Príncipe.

Victor Villon é mestrando em História pela PUC-Rio